

Como esclareceu o senador norte-americano Murray, em depoimento na Comissão de Assuntos Bancários e Monetários daquela casa do Congresso de seu país, “os grandes jornais e revistas dos Estados Unidos são subvencionados por poderosos consórcios dedicados à indústria de armamentos bélicos. O custo dessa publicidade é deduzido do Imposto de Renda. Em outras palavras, o dinheiro gasto por esses consórcios na publicidade é facilitado pelo próprio Governo dos Estados Unidos. Os grandes jornais e revistas recebem subsídios das poderosas companhias, mas as pequenas publicações rurais, que não participam das programações anuais daquelas companhias lutam com dificuldade para sobreviver”. Assim, na medida em que os monopólios norte-americanos se instalam e se expandem no Brasil, têm a necessidade, também, de estabelecer, aqui, o controle da opinião: *esse controle deriva da penetração daqueles monopólios*. O imperialismo, depois de dominar o mercado de coisas materiais, procura dominar o mercado da opinião e, assim, depois que se instala, instala a *sua* imprensa. E começa essa imprensa a difundir, principalmente, que “a solução dos nossos problemas está nos Estados Unidos”. Genival Rabelo, a esse propósito, anotou muito bem: “Mesmo devidamente dublados — e ainda bem que o sejam — meça-se até onde convém ao país essa enxurrada de filmes americanos, sobre os costumes americanos, os heróis americanos, a vida americana, o povo americano, a paisagem americana, a história americana. Como as histórias em quadrinhos, repetidas diariamente em grandes jornais brasileiros, as revistas estrangeiras e outros meios de manipulação da opinião pública e formação da mentalidade, sobretudo da infância e da juventude, não farão parte, esses filmes do grande complexo armado pelos americanos para que não tenhamos outro caminho senão concluir — a princípio, relutantes, mas, a longo prazo, convictos — que *a solução está nos Estados Unidos?*” (367)

Trata-se, realmente, de “somatório de meio e processos de alienação da consciência brasileira, conduzindo nosso povo a admitir que ‘a solução

como afirma o sr. Thompson, dificilmente poderia negar que se empenhou a fundo, tempos atrás, em lançar no Brasil, como o fez na Argentina, Itália, etc., a revista *Panorama*, de atualidades e grande público, no estilo de *Life*. O nome, de fato, é um achado, pois se escreve da mesma maneira em todos os países de língua latina — e também em outros idiomas, como o inglês, por exemplo. Ele manteve, no Brasil, entendimentos avançados com o grupo da Editora Abril, comandado pelo ex-funcionário de *Time-Life*, o cidadão ítalo-americano Victor Civita. O lançamento não se efetivou porque havia, com sede em Curitiba, Paraná, uma revista com o mesmo título, fundada pelo sr. Adolfo Soethe e dirigida pelo sr. Oscar Schappe Sobrinho”. (*In Brasil Semanal*, S. Paulo, 1ª semana de fevereiro de 1966).

(367) “Agora, o grupo da Editora Abril está anunciando seu 19º lançamento: *Realidade*, que surgirá em março próximo, com 200 000 exemplares de tiragem, impressa em papel *Timavo* para rotogravura (“o melhor papel — explica o ítalo-americano Civita — já usado na imprensa brasi-